



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE



51º CONSELHO DIRETOR

63ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL

Washington, D.C., EUA, 26 á 30 de setembro de 2011

CD51/DIV/4
ORIGINAL: INGLÊS

**DISCURSO DO SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO
DA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS
EMBAIXADOR ALBERT R. RAMDIN**

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS



DISCURSO DO SECRETÁRIO- GERAL ADJUNTO EMBAIXADOR ALBERT R. RAMDIN

NO 51º CONSELHO DIRETOR DA OPAS

Sessão de Abertura, 26 de setembro de 2011

Dr. Salomon Chertorivsky Woldenberg, Secretário de Saúde do México
e Presidente do Conselho Diretor

Ministros da Saúde das Américas

Dra. Margaret Chan, Diretora-Geral da Organização Mundial da Saúde

Dra. Mirta Roses, Diretora da Organização Pan-Americana da Saúde

Sra. Kei Kawabata, Gerente do Setor Social do Banco Interamericano
de Desenvolvimento

Senhoras e senhores:

É um prazer e uma honra para mim, em nome da Organização dos Estados Americanos, participar da abertura do 51º Conselho Diretor da Organização Pan-Americana da Saúde, uma das mais antigas instituições do sistema interamericano e uma entidade com a qual a Organização dos Estados Americanos mantém vínculos permanentes. Louvo a Diretora desta Organização, Dra. Mirta Roses, por sua liderança e compromisso com a melhoria da saúde da população das Américas. Dra. Roses, é sempre um prazer trabalhar com a senhora e sua excelente equipe de peritos nas várias questões que as Américas enfrentam.

Além dos temas altamente importantes que este Conselho tem na sua agenda, esta reunião nos oferece a oportunidade de refletir mais profundamente sobre o significado de nossa associação, sobre o fato de que pertencemos ao mesmo sistema interamericano, algo que também se aplica ao Banco Interamericano de Desenvolvimento e outras instituições técnicas que fazem parte do nosso sistema. Nesse sentido, devemos todos trabalhar para assegurar que nossas prioridades e ações sejam mais interdependentes e alinhadas e se reforcem mutuamente. As principais tendências globais, que influenciarão cada vez mais a vida de muitos habitantes do nosso Hemisfério, exigem que trabalhemos juntos de maneira proativa.

Como a Dra. Roses reiterou em várias ocasiões, a OPAS colabora estreitamente com a OEA para vincular as prioridades sanitárias da nossa região com a agenda de políticas do hemisfério na promoção de um ambiente de paz, estabilidade e segurança. Assim fazendo, sublinha não só as esferas específicas das nossas respectivas áreas de responsabilidade, mas também a importância crucial da dimensão política na formulação e implementação das políticas públicas.

Como é do conhecimento de muitos aqui presentes, este ano marca o 10º aniversário da Carta Democrática Interamericana. Esse importante documento, que nos oferece um programa coletivo de promoção e consolidação da democracia, bem como mecanismos coletivos de defesa e proteção da democracia, sublinha a interdependência entre democracia, segurança e desenvolvimento.

Como todos sabem, sem saúde não há desenvolvimento; assim, sem saúde, a democracia fica enfraquecida e a segurança das nossas nações é afetada negativamente. Portanto, é impossível falar de democracia plena quando algumas pessoas não têm serviços básicos de saúde e saneamento. Por isso, devemos transformar essa relação entre democracia e desenvolvimento num círculo virtuoso, um círculo no qual, como afirma a Carta Democrática, a democracia e o desenvolvimento não só são interdependentes, mas também se reforçam mutuamente.

Sem dúvida, há um vínculo entre os persistentes níveis de pobreza na nossa região — caracterizada por acesso incerto a serviços básicos de saúde, educação e habitação —, as deficiências em termos de governança em nossos países e a percepção da qualidade das nossas democracias por parte dos nossos povos. Na nossa região reconhecemos que a democracia é muito mais que um processo puramente instrumental que serve apenas para eleger os que nos governam; encontra-se também no trabalho das instituições, que são os instrumentos que permitem a democratização das oportunidades. Várias pesquisas de opinião indicam uma estreita correlação entre satisfação com a democracia e a percepção pública do desempenho da economia e acesso a serviços.

A boa governança requer instituições fortes, eficazes e respeitadas, capazes de moldar e implementar, em conjunto com o setor privado e a sociedade civil, as políticas públicas necessárias para atingir todos os segmentos da população e assim fazendo continuar a luta contra a injustiça social, desigualdade e marginalização.

Nesse contexto, as políticas de saúde têm um papel fundamental a desempenhar, particularmente para o alcance dos objetivos de desenvolvimento do milênio, bem como a promoção e observância dos direitos econômicos, sociais e culturais, que estão claramente consagrados na Carta Democrática Interamericana.

Na semana passada, durante a cúpula sobre doenças não transmissíveis (DNT) nas Nações Unidas, registrou-se importante progresso para reconhecer as ameaças que as DNT representam para as nossas economias e sociedades. Contudo, não basta o compromisso político; é preciso mudar as atitudes e políticas do governo para combater as DNT, pois o câncer, cardiopatia, diabetes e outras doenças têm um significativo impacto econômico em todas as economias do hemisfério, especialmente as pequenas.

Também quero reconhecer e elogiar os líderes e ministros da saúde da Comunidade do Caribe por ajudar a colocar essa ameaça na agenda global. Ao buscar contrapartes em outras regiões para executar ações conjuntas contra as DNT, aprovou-se uma resolução histórica. Unindo-se para acabar com a epidemia de doenças crônicas não transmissíveis, os países, com ajuda de organizações como a OPAS, poderão ver uma diferença nas próximas décadas. O hemisfério ocidental precisa de uma população não só instruída, mas também saudável, para ser bem-sucedida e próspera.

Senhoras e senhores, exemplos como estes ilustram o potencial que pode ser concretizado com parcerias mais estreitas entre organizações como as nossas. Ao vincular nossas prioridades aos temas sociais e torná-las parte integral da agenda de políticas da região, podemos efetivamente assegurar que a saúde seja incluída nos esforços econômicos, sociais e de integração política e cooperação, proporcionando uma plataforma para melhor enfrentar os desafios da globalização. Não vamos esperar até dar de cara com os problemas; as tendências estão aqui, o futuro é agora. Devemos agir hoje, individualmente e coletivamente, para preservar e manter o que conseguimos para amanhã.

Agradeço a atenção de todos.